

O SAGRADO FEMININO E O EQUILÍBRIO DAS CIÊNCIAS NA SOCIEDADE UTÓPICA DE *HERLAND* (1915), DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

THE FEMALE SACRED AND THE SCIENTIFIC EQUILIBRY AS FOUND IN THE UTOPIC SOCIETY OF HERLAND (1915) BY CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Yasmine Louro 1
Diana Barreto Costa 2

Resumo: O presente artigo tem como corpus a obra *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman. Tem como objetivo compreender a presença e o domínio do Sagrado Feminino. O embasamento teórico norteou-se pelos estudos de Sartre (2004), Eagleton (2006), Todorov (2006), Ginzburg (2012) e Jouve (2012) acerca de definições literárias; os estudos de Jung (2000), Legros (2007) e Birman (2016) sobre o Inconsciente Coletivo; os apontamentos de Federici (2017) e Hooks (2019) sobre feminismo; e os posicionamentos de Calegari e Fontanella (2009) e Cordovil (2015) sobre o Sagrado Feminino. A metodologia é baseada nos critérios analíticos orientados por Bakhtin (1989) a partir do Plurivocalismo Linguístico. Quanto aos resultados, apresenta-se como o principal a narrativa esforça-se em construir uma sociedade equilibrada conforme os preceitos do Sagrado Feminino, onde os recursos naturais são preservados e nada é destruído, mas reaproveitado. As considerações finais apontam que os homens que sonhavam em desbravar *Herland* (1915) quedaram-se embasbacados com a harmonia e a fluidez de uma sociedade totalmente controlada por mulheres, pois, diferentemente das sociedades patriarcais, o objetivo das anciãs do referido país consiste em congregar, não em segregar.

Palavras-chave: *Herland*. Sagrado Feminino. Inconsciente Coletivo. Feminismo.

Abstract: This article has as its corpus the work *Herland* (1915), by Charlotte Perkins Gilman. It aims to understand the presence and dominion of the Sacred Feminine. As a theoretical foundation, the article will be guided by the studies of Sartre (2004), Eagleton (2006), Todorov (2006), Ginzburg (2012) and Jouve (2012) about literary definitions; the studies by Legros (2007) and Birman (2016) on the Collective Unconscious; the notes of Federici (2017) and Hooks (2019) on feminism; and the positions of Calegari and Fontanella (2009) and Cordovil (2015) on the Sacred Feminine. The methodology is based on analytical criteria guided by Bakhtin (1989) from Linguistic Plurivocalism. As for the results, the main narrative is presented as an effort to build a balanced society according to the precepts of the Sacred Feminine, where natural resources are preserved and nothing is destroyed, but reused. As final considerations, it is pointed out that the men who dreamed of exploring *Herland* (1915) were astounded by the harmony and fluidity of a society totally controlled by women, because, unlike patriarchal societies, the objective of the country's elders is to congregate, not to segregate.

Keywords: *Herland*. Sacred Feminine. Collective unconscious. Feminism.

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).¹
Pós-graduanda Lato Sensu em Literaturas de Língua Inglesa pela Faculdade de Educação São Luís (FESL). Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas (GEPLALA, UFT/UEMASUL).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7417466504142267>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>.
E-mail: yasminelouro@outlook.com

Doutora em Ciências da Educação. Diretora dos Cursos de²
Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Integra os seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas (GEPLALA) e o Grupo de Estudos em Práticas Educativas e Formação de Professores (GEPEFP/UEMASUL).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8323976550904898>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7499-1631>.
E-mail: dianabarreto@uol.com.br

Introdução

O século XX, espaço de transformações indelévels para o código moral e simbólico do Ocidente, observou com assombro os desdobramentos políticos que acarretaram em sofrimento e tragédia, tais como: a Grande Guerra (1917), a Revolução Russa (1917), a Grande Depressão (1929) e a Segunda Guerra Mundial (1939). A Revolução Russa, no entanto, foi responsável por alterar o olhar político de inúmeros escritores, estimulando o desenvolvimento de um subgênero da ficção científica: a distopia¹.

Os desencontros de informações desse período, que configuravam as decisões do Partido Bolchevique como ditatoriais, afetaram o inconsciente coletivo daqueles que se acreditavam muito livres, o que suscitou críticas ferrenhas aos seus líderes por meio de livros (agora consagrados, tais como *Nós* (1927), de Yevgeny Zamyatin; *1984* (1949) e *A revolução dos bichos* (1945), de George Orwell; *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley; e posteriormente gerou uma série de livros autobiográficos de Alexander Soljenítsin, preso político no governo de Stalin, entre eles *Arquipélago Gulag* (1973).

Em meio a essas obras que exploram a grande insatisfação de um grupo seletivo de indivíduos, a *intelligensia* de cada um desses locais, surge a ideia oposta, de *Utopia*², que resolveria o problema daquele autor. Desde a primeira publicação do primeiro texto do gênero, *Utopia* (1516), de Thomas More, a humanidade flerta com a possibilidade de solucionar os seus maiores problemas, mas pende a subtrair as liberdades individuais em nome de um *bem maior*.

Contrariando as expectativas, Toni Morrison publicou *Paradise* (1998), romance no qual o *status quo* é revertido e os pretos representam a etnia dominante. Porém, oitenta anos antes, Charlotte Perkins Gilman imaginou como seria um país sem nem mesmo a mínima influência e participação masculina: *Herland* (1915) ou Terra das Mulheres.

A narrativa é conduzida por um narrador masculino, um explorador estadunidense que se encontra em missão em um local x, com inúmeros outros homens e dois companheiros, Terry e John. A partir de informações dadas por um nativo, os três *descobrem* a existência de um suposto *país de mulheres*, aninhado entre os vales montanhosos, vivendo placidamente, autônomo e autossuficiente.

Nos primeiros capítulos, os exploradores fantasiam com a grande oferta sexual que terão em mãos: mulheres maduras e prontas para o coito, sem nenhuma *defesa* ou conhecimento dos rituais ocidentais de acasalamento e compromisso. É relevante destacar que quando se fala *ocidental*, não se contrapõe ao temo *oriental*, assim como o binarismo de branco/preto. O binarismo em *Herland* (1915) é paternidade vs. maternidade.

O presente artigo tem como objetivo compreender como a presença e domínio do Sagrado Feminino na sociedade utópica de *Herland* (1915) auxiliou tanto no equilíbrio das ciências, tais como a agricultura e o melhoramento humano, como também contribuiu para a harmonia e o bem-estar social.

Para tanto, a presente pesquisa utilizar-se-á dos conceitos de Bakhtin (1988) acerca do *discurso plurivocalico*, termo este agregado apenas para representar as estruturas e ferramentas de análise neste aplicadas. Pretende-se investigar, também, o contraste das sociedades, tanto patriarcais quanto matriarcais, e os pontos negativos e positivos ressaltados pelo narrador.

O presente trabalho contribuirá com as pesquisas referentes ao Inconsciente Coletivo junguiano, ao investigar, a partir do *corpus*, quais as supostas expectativas para as mulheres no início do século XX, por meio dos posicionamentos apresentados pelas figuras masculinas presentes no romance.

1 "Termo geralmente interpretável como sinónimo de 'anti-utopia' e aplicado a uma obra que põe em causa ou satiriza alguma utopia ou que desmitifica tentativas de apropriação totalitária de um cenário utópico." NUNES, J. M. S. Distopia. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/distopia/>. Acesso em: 04 set 2021.

2 "Palavra dúbia quanto à sua morfologia, vacilando entre o conhecimento substantivo e a vontade adjectiva, o neologismo utopia é um vocábulo formado por derivação a cujo tema nominal de origem grega *topos* (lugar) se antepôs o prefixo de negação *u* e se pospôs o sufixo nominal *ia* para designar simultaneamente uma impossibilidade lógica-formal e uma possibilidade retórica-imaginária: literalmente, um não-lugar, ou melhor, um não lugar (físico) que é lugar (literário)" REIS, J. E. Utopia. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/utopia/>. Acesso em: 04 set 2021.

Para isso, o artigo dividir-se-á em quatro seções: a seção 1, *Literatura e Representação: o imaginário popular como condutor de ideias*, serão apresentadas as definições para *representação* e como aparecem em textos literários; na subseção 1.1, *O Sagrado Feminino como equilíbrio entre Humanidade e Natureza*, na qual será apresentada uma contextualização do que é o Sagrado Feminino e como as representações baseadas neste são inseridas em textos literários; a seção 2, *Metodologia*, exploraremos concisamente a teoria do *Plurivocalismo Linguístico* e como a abordaremos na presente pesquisa; na seção 3, *O Sagrado Feminino e o Equilíbrio Científico em Herland (1915)*, explorará o conceito de Sagrado Feminino, suas características e apontará a sua presença no *corpus*; a seção 4, *Considerações Finais*, indicará se há ou não distinção entre as sociedades patriarcais e matriarcais, esta última, levando em consideração a proposta do *corpus*.

Concluída a introdução segue-se para a primeira seção, na qual será contextualizada o Sagrado Feminino.

Literatura e Representação: o imaginário popular como condutor de ideias

Quando o indivíduo se propõe a discutir literatura, os argumentos expostos refletem como ocorreu o primeiro contato entre as partes, sendo estas o leitor ou ouvinte e o texto verbal ou escrito. Muitos dos aficionados consideram a literatura uma força motriz que não apenas narra a movimentação da humanidade, mas também analisa, até nos menores detalhes, os responsáveis pelo restabelecimento ou manutenção do *status quo*; nos séculos XIX e XX, o povo ganhou destaque, e suas histórias passaram a ser consideradas um retrato mais expressivo da evolução ou (retrocesso) das relações humanas.

Essa conclusão, segundo Todorov (2006), é um reflexo da inerente utilização de códigos socioculturais na literatura. A humanidade, extremamente dependente das relações interpessoais para compreender a si mesma e ao outro, busca na literatura a resolução de seus problemas e questionamentos, afinal, para Eagleton (2006, p. 140), “a literatura não era uma forma de conhecer a realidade, mas uma espécie de sonho utópico coletivo que existiu durante toda a história, a expressão dos desejos humanos”.

Além do mais, conforme Sartre (2004, p.49), “o mundo real só se revela na ação, como ninguém pode sentir-se nele senão superando-o para transformá-lo”; afinal, ainda de acordo com o autor, o ato de escrever é um exercício de desvendar o mundo e de desafiar o leitor.

Como um reflexo da necessidade humana de se observar por meio desse véu tênue que é a literatura, a arte ultrapassou o âmbito do belo e foi alçada ao posto de ferramenta pois “pode emocionar e fazer pensar”, conforme aponta Jouve (2012, p. 18).

Portanto, quando Todorov (2006, p. 21) indica que “a literatura é um sistema de signo”, pode-se compreender que a transmutação da literatura em “códigos sociais cuja análise não compete a um estudo literário”, como pontuou Jakobson (1921); o ser humano passou a se analisar como, além de criatura, também ocupava a posição de criador.

No ato de analisar os signos, o indivíduo descobriu que a literatura “é uma instituição trans-histórica, ficando a história religiosa à mesmice” (EAGLETON, 2006, p. 139). Os signos foram ressignificados à medida que a humanidade foi dominando o ofício de escrever; às vezes descrevendo os políticos ou figuras ilustres em suas características comuns, criaram o estereótipo e a ironia. Segundo Sartre (2014, p. 53), “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade” e, com isso, os pioneiros na arte da escrita concentraram-se em denunciar comportamentos considerados amorais, a corrupção espiritual dos indivíduos em um período de falsas modéstias.

Graças aos recorrentes artifícios criados pelos pioneiros da arte de escrever, como Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.), Homero (928 a.C. – 898 a.C.), Dante Alighieri (1265 – 1321), William Shakespeare (1564 – 1616), a imaginação social foi cimentada a partir das imagens sugeridas pelos artistas. Seja por eternizar relações adúlteras, sejam elas verdadeiras ou não, seja para ressignificar todo um povo com a enorme batalha entre um continente e uma pequena ilha. Como afirma Legros (2007, p. 58), “uma representação não é um simples reflexo do real,

uma cópia ou uma imagem oportuna”, mas o resultado da dinâmica de *fenômenos orgânicos e psíquicos*.

Mais do que isso, a imaginação interliga o agir com o pensar, forçando o homem a enxergar o que a natureza oculta (LEGROS, 2007). Conforme Sartre (2004), esse impulso, que parte do espectador, de explorar a significação da obra é negado ao criador. Quem produz literatura não se atém aos signos que utiliza em sua obra, pois no ato de produzir o homem utiliza-se da consciência para “resgatar e interiorizar isso que é o não-eu por excelência” (SARTRE, 2004, p. 49).

Com isso, essas representações tornam-se imagens comuns no imaginário sociocultural que, conforme Legros (2007, p. 36), é “definido como a única potência determinante e ativa apta a impulsionar e a dominar a prática dos indivíduos”. Conhecidos como *arquétipos*³, pelos especialistas, e *estereótipo*, popular entre os leigos, as representações entraram na vida e no inconsciente coletivo⁴ como *clichês*.

Por meio desses arquétipos, tem-se figuras comuns às mídias, principalmente na literatura; a *Mãe*, como a matriarca de *As vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck; o *animus*⁵, personagem homônimo na peça *Rei Lear* (1606), de William Shakespear; o *Pai*, como o Grande Irmão em *1984* (1949), de George Orwell; o *sábio*, como Melquíades em *Cem anos de solidão* (1982), de Gabriel García Marquez; o *herói*, como Andrei Bolkonsky, em *Guerra e Paz* (1867); e muitas outras, figuras popularizadas por livros ou filmes, imortalizando-as.

O imaginário religioso, responsável pela cristalização de alguns dos arquétipos (a *Mãe* pelo movimento católico *Coração de Maria*, surgido no século XII, por exemplo) determina como o ser humano passou a interpretar alguns signos conforme estabeleceu quando se popularizou; graças a Bram Stoker (1847), lendas do leste europeu tornaram-se globalizadas, instituindo signos como *vampiro*, *metamorfo* e alterando os signos *estaca*, *caixão*, *presas*, *alho*, que quando acompanhadas do novo signo, passam a ter um novo significado.

Provavelmente é *Carmilla, a duquesa de Karnstein* (1872) a primeira dos muitos monstros que ajudaram a compor o arquétipo da *sombra*, um terrível mal que persegue continuamente o herói. No caso de *O senhor dos anéis* (1937), o terrível Sauron (representado por uma armadura preenchida por fumaça preta) é o mal encarnado; Frodo, com todos os seus defeitos, é o herói (representado por uma compleição clara e baixa). Em *As Crônicas de Gelo e Fogo* (1991), os Outros, os Caminhantes Brancos, vagam por aí aguardando um cadáver para possuí-lo; *Azor Ahai*, o suposto herói da mitológica lenda dos Primeiros Homens, usa a sua enorme e fállica espada, *Luminífera*, para destruir a escuridão. A dualidade luz/claro, preto/branco, bom/mau, sobrevive até o presente e é utilizada para representar os pré-conceitos da nossa sociedade (COSTA E LOURO, 2019).

Não à toa, uma nova série do canal pago HBO, *Lovecraft County*, estreou em agosto de 2020. A série, a adaptação televisiva do livro homônimo de 2016, explora a obra de H. P. Lovecraft, seja por seus monstros sanguinários, seja por sua crença na raça ariana e, portanto, na inferioridade dos não-brancos. Protagonizada por negros, a série não usa mais o tom de impotência e sofrimento que outras obras que abordam o mesmo tema, racismo; pelo contrário, os seus protagonistas representam o arquétipo do herói lutando contra a sombra, o racismo. Além do mais, os protagonistas se distanciam do padrão religioso do período, o Protestantismo Metodista, fugindo assim dos estereótipos.

Aqui no Brasil, quando da publicação de uma das obras de Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*, em 1966, o povo brasileiro permitiu à sua casa a entrada dos orixás, das entidades, do outrizado panteão africano, e a resistência e a ressignificação de signos da Umbanda. O autor tornou popular uma cultura afro-brasileira marginalizada, nunca querida.

³ “A visão da psique e do inconsciente se modifica, pois ela passa a não ser “uma página em branco” no nascimento e o inconsciente amplia-se incluindo uma camada constituída de estruturas e imagens comuns a toda a humanidade (os arquétipos) que se manifestam nos sonhos, mitos, religiões e contos de fada”. (SERBENA, 2010, p. 76-77).

⁴ “O inconsciente possui uma amplitude muito maior que a consciência, sendo o ego apenas uma pequena parte da psique. Considera que a psique é constituída por elementos inconscientes originados de várias fontes, inicialmente do indivíduo até esferas mais coletivas e impessoais, pois o indivíduo está inserido em uma família, que faz parte de uma cultura ou etnia, que por sua vez é da espécie humana.” (SERBENA, 2010, p. 77).

⁵ Segundo Jung, animus é a parte masculina na psique feminina (1987).

Isso porque “a literatura nasce do sujeito coletivo da raça humana” (EAGLETON, 2006, p. 140) e o imaginário social racista e intolerante associa a obra de Jorge Amado a uma ode ao *sensual*, perpetrado por Sônia Braga mostrando a calcinha em horário nobre. Apenas a cultura branca (ou embranquecida) recebe atenção, como no dramático *O nome da Rosa*, de Umberto Eco; como indica Ginzburg (2012, p. 212), “a tradição brasileira corresponde aos valores da cultura patriarcal, [que] prioriza homens brancos adeptos de uma religião legitimada”, então há um julgamento, sempre negativo, das obras que exploram o mundo o Outro, como o Outro expressa a sua religiosidade.

De acordo com Eagleton (2006, p. 139), “quando analisamos a literatura, falamos de literatura; quando a avaliamos, estamos falando de nós mesmos”. A literatura é uma ferramenta de observar, sim, o transcorrer da história; mas, ainda mais revelador, é redescobrir as imagens que foram paulatinamente mudadas ou fortificadas, afinal, a literatura é um espaço plural de participação popular.

Tendo-se apresentado o diálogo entre a literatura e a representação, e como os arquétipos residem no discurso das narrativas como um mecanismo de expressão social da humanidade ao longo dos séculos, poder-se-á prosseguir para a próxima subseção.

O Sagrado Feminino como equilíbrio entre Humanidade e Natureza

Desde tempos remotos a humanidade é atraída pela dádiva central do nascimento e suas peculiaridades. Inicialmente uma prática plenamente feminina, os nascimentos no mundo pós-contemporâneo ocorrem independente de gênero, podendo o genitor ser um homem com útero, por exemplo. O conceito do nascimento, entretanto, permanece o mesmo, assim como a definição do Sagrado Feminino.

O Sagrado Feminino é usado aqui como um termo chave para toda e qualquer expressão religiosa que baseia-se no arquétipo feminino, seja o arquétipo da deusa jovem e vigorosa da criança, como Diana no panteão romano, ou o arquétipo da anciã sábia, como Maria para o cristianismo. Dentre as manifestações religiosas que envolvem o Sagrado Feminino estão os cultos à Freya, do panteão nórdico; à Bastet e à Sekhmet, do panteão egípcio; à Deusa Tríplice, wiccana; à Ártemis e à Afrodite, do panteão grego; à Babalon, enoquiana; à Ishtar, suméria; e à Brigit, deusa tríplice neopagã.

Calegari e Fontanella (2009) apontam as progressivas mudanças no cenário íntimo do ser humano em relação ao meio ambiente, à ecologia ao transformar o culto à Mãe Terra ou Gaia, em um mecanismo de defesa e reconstrução do patrimônio natural da humanidade, para preservar as reservas naturais, a diversidade de espécies enfim, a natureza em toda a sua pluralidade. O culto à Gaia exige uma proteção aos recursos naturais como uma forma de continuidade da humanidade, compreendendo que precisa-se viver em equilíbrio para viver em plenitude, similar ao culto à Pachamama ou a Mãe Terra, deidade dos Andes boliviano e peruano.

Os autores corroboram o seu ponto quando afirmam sobre a ancestralidade energética, que chamam de Deusa, dividir-se em duas correntes. Para Calegari e Fontanella (2009, p. 11), a primeira vertente concentra-se no ciclo da vida, que rege a “concepção, o nascimento, a nutrição, o crescimento, a evolução, a morte e a imortalidade”; na segunda vertente, a Deusa aparece sob diferentes aspectos, dependendo do local onde aparece, com novas aplicabilidades, sendo uma donzela no século XVI, nas canções trovadorescas europeias, ou uma guerreira, sob o nome de Shiva, na cultura indiana.

Os autores discorrem sobre a relevância do culto à Mãe Terra para as mulheres contemporâneas, ao explicar que é a energia emitida pelo culto e suas fiéis que altera o arquétipo primal da Mulher ocidental, tendo-se ciência de que essa nova energia é capaz de modificar e modelar as características ideológicas que regem a ordem e atitudes sociais responsáveis pela “formação da estrutura de caráter” (CALEGARI ; FONTANELLA, 2009, p. 13).

Segundo Cordovil (2015), o Sagrado Feminino pode ser compreendido como uma dessas características ideológicas as estatuetas de *Vênus do Paleolítico* e no culto das deusas da fertilidade dos povos agrícolas, datadas de um período conhecido como uma suposta Era de

Ouro das mulheres.

De acordo com a autora, esse período inicial da agricultura foi harmonioso e de valores predominantemente maternos, em que os povos voltavam as suas orações para a terra e a fertilidade, desde o início compreendendo a necessidade do equilíbrio entre humanidade e natureza para que haja uma longevidade e continuidade da espécie humana. Cordovil (2015, p. 431) acrescenta que “a vida era compreendida como uma dádiva da terra, cujo ventre brotavam as plantas, nutridas pelas águas que jorravam do céu ou de suas próprias entranhas”.

A autora aponta que, às adeptas do Sagrado Feminino, houve também a influência do movimento feminista ocidental, instaurando uma consciência pelo “equilíbrio e conexão com seu corpo, utilizando-o como um veículo de ligação com sua espiritualidade” (CORDOVIL, 2015, p. 432).

O reconhecimento do equilíbrio entre humanidade e natureza é vital para que haja equilíbrio, também, entre nações e pares. É a partir dessa mudança de paradigma, do reencontro do masculino com o feminino, que haverá progresso e significativas alterações de conduta e preceitos morais. A próxima seção tratará da metodologia utilizada na presente pesquisa.

Metodologia

Mikhail Bakhtin (1895-1975), formalista russo responsável pelo desenvolvimento das bases da Análise do Discurso, apresentou a teoria das vozes sociais dialogizadas presentes no discurso. Conforme Bakhtin, a língua do romance nunca é única, mas, sim, é o resultado da estratificação da linguagem que condiciona o texto à contradições e intenções diferentes, que lutam entre si.

Para Bakhtin (1998), o *rasnorítchie*, ou o pluridiscorso presente no romance, resulta da palavra *bivocal especial*, que serve à dois locutores e exprime duas intenções diferentes, simultaneamente: tanto a intenção direta do personagem que verbaliza quanto a intenção refratada do próprio autor. Logo, no discurso do romance sempre há duas vozes, dois sentidos e duas expressões. O dialogismo está diretamente ligado ao fato das vozes se conhecerem e conversarem entre si.

No contexto desse debate, Bakhtin (2010) desenvolve o conceito de *heteroglossia* (plurilinguismo ou pluridiscorso). O autor enfatiza que o verdadeiro meio da enunciação é o confronto entre as diversas vozes sociais, é a heteroglossia, que se efetiva no universo das relações dialógicas. Segundo Faraco (2009 *apud* SIPRIANO ; GONÇALVES, 2017), o termo heteroglossia se refere à realidade heterogênea da linguagem, que é permeada por confrontos, por meio de múltiplas vozes sociais. Dentro da heteroglossia, consideramos a *pluralidade discursiva*, que é definida como uma “coexistência de uma multiplicidade de várias formas linguísticas que competem entre si, associados a certos pontos de vista ideológicos” (LAHTEENMÄKI, 2005, p. 43 *apud* SIPRIANO ; GONÇALVES, 2017, p. 68).

Para isso, é relevante salientar o caráter múltiplo das línguas, que é estratificada pelos índices sociais de valor, provindos da “diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais” (FARACO, 2009, p. 57 *apud* SIPRIANO ; GONÇALVES, 2017, p. 69), sendo a língua um conjunto de perspectivas ideológicas que estão em constante competição.

De acordo com Sipriano e Gonçalves (2017, p. 71), “a heteroglossia diz respeito à multiplicidade de vozes sociais conflitantes, em disputa por posições de controle e hegemonia”. É dentro da heteroglossia que o dialogismo se manifesta, possibilitando um jogo dialógico de valores antagônicos.

Para Bakhtin (2016, p. 49), “a representação literária respectiva, a imagem do objeto, pode ser penetrada por esse jogo dialógico de intenções verbalizadas que nele se encontram e se entrelaçam, pode não abafá-las, mas ativá-las e organizá-las”, tornando o discurso um espaço estratificado de forças contraditórias que se intensificam e se destacam no ato de responder umas às outras.

Ainda conforme Bakhtin (2015, p. 51), “o artista da prosa exige esse heterodiscorso social em torno do objeto até atingir a imagem acabada, penetrada pela plenitude dos ecos dialógicos”, ou seja, em todo romance há a presença intrínseca da heteroglossia, em razão dos

múltiplos discursos emitidos pelas personagens, que dialogam entre si e com o leitor.

A respeito do conceito de “plurivocalismo”, conforme Bakhtin (1988, p. 100), “a língua é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião concreta sobre o mundo”. A partir de seus estudos sobre Dostoievski, o autor conseguiu observar que as diversas vozes, ou seja, as inúmeras representações em uma narrativa, não são submetidas a uma exposição homogênea por meio da supressão pela voz do narrador; pelo contrário, cada voz apresenta a qualidade de equipolente, tendo estas o caráter de unicidade, formando um discurso heterogêneo, portanto, sendo expostas de forma unitária e interdependente. Isso porque, “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 1988, p. 100), sendo esse o mecanismo apropriado para a composição da narrativa, pois os discursos, tanto do autor quanto dos personagens, são apenas unidades básicas de inserção do plurivocalismo na obra.

De acordo com Sipriano e Gonçalves (2017, p. 65), “as vozes sociais se materializam através da interação verbal entre indivíduos socialmente organizados”. A linguagem por si só sempre foi pluridiscursiva, graças às contradições socioideológicas entre presente e passado, entre grupos socioideológicos diversos, entre correntes e escolas. Essas vozes sociais se entrecruzam de maneira multiforme, formando novas vozes socialmente típicas.

Conforme Bahktin (2010, p. 96 *apud* SIPRIANO; GONÇALVES, 2017, p. 66), “a língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única”. O discurso no romance serve para refratar a expressão das intenções do autor. Logo, a linguagem serve a dois locutores, exprimindo, simultaneamente, duas intenções diferentes, sendo estas a intenção direta do personagem que fala e a intenção refratada do autor, compondo um discurso com duas vozes, dois sentidos e duas expressões.

Para Bahktin (1998), “no romance o plurilinguismo é sempre personificado, encarnado nas imagens individuais das pessoas com as dissonâncias e as discordâncias individuais”, estando essas contradições imersas no plurilinguismo social e sendo reinterpretadas por ele. Na presente pesquisa, utilizaremos o plurivocalismo para determinar quais as vozes do discurso presentes para defender a feminilidade saudável acima da masculinidade tóxica. A partir da imanência, ou seja, da interpretação do texto pelo texto, apontaremos a presença do discurso feminista em *Herland* (1915), assim como o seu contraponto, o machismo, comparando o equilíbrio entre sociedades geridas pelo matriarcado e pelo patriarcado.

Apresentada a metodologia da presente pesquisa, poderemos prosseguir para a análise da obra.

O Sagrado Feminino e o Equilíbrio Científico em *Herland* (1915)

Narrado em primeira pessoa, o romance utópico de Charlotte Perkins Gilman, *Herland* (1915) retrata a expedição malfadada de três cientistas estadunidenses ao desconhecido país das mulheres. O narrador, Vandyck Jennings, e seus dois companheiros, Jeff Margrave e Terry O. Nicholson, são convidados a integrarem a expedição que os levaria a comunidades de códigos linguístico não documentados; porém, ao chegarem ao continente, por meio de conversas com o nativo que lhes serviu de guia, são introduzidos a essa suposta sociedade incivilizada e composta apenas por mulheres.

A proposta de conhecer esse país, inicialmente, pareceu-lhes extremamente tentadora, afinal, “pensávamos que, se houvesse homens, poderíamos enfrentá-los, e que se houvesse apenas mulheres... bem, não haveria obstáculo algum” (GILMAN, 2018, p. 48). Ou seja, um país essencialmente feminino os traria prazeres inigualáveis, desde que seria muito fácil conquistá-lo com mesquinhas e penduricalhos, como ocorreu no processo de exploração das Américas e da África. Tal conclusão é um reflexo do inconsciente coletivo dos países imperialistas, já acostumados a dominar e explorar.

Para grande surpresa dos personagens, o país realmente não tinha figuras masculinas, mas também não contava com a representação feminina ocidental. Para o narrador, as mulheres de *Herland* “não eram jovens. Não eram velhas. Não eram, *no sentido feminino*, belas. Não eram nada ferozes. Olhei em cada rosto, calmos, graves, sábios, sem medo algum, evidente-

mente seguros e determinados” (GILMAN, 2018, p. 46, grifo nosso). O estranhamento sentido pelo narrador ao encontrar mulheres que fogem do estereótipo estabelecido pelo Ocidente pode ser explicado por Birman (2016), quando o autor estabelece que, entre os polos natureza e civilização, há a cartografia moral da natureza biológica diferenciada entre sexos. Portanto, nessa *ordem diferencial*, homens e mulheres devem agir de forma diferente em aspectos diferentes. Em uma sociedade supostamente intocada pela civilização – *supostamente*, pois, ao seu modo, Herland é um país civilizado –, os *desbravadores* encontraram uma comunidade organizada e socialmente distinta.

A quebra de expectativas dos personagens acontece, primeiramente, quando a definição ocidental de mulheridade é quebrada; para o narrador, “mulher”, no abstrato, é jovem, e, pensamos, graciosa. Conforme envelhecem, elas passam a tocha para alguém da própria família ou para outrem. Mas essas boas senhoras estavam segurando a tocha bem firme e, no entanto, qualquer uma poderia ser avó” (GILMAN, 2018, p. 47). O estranhamento de ver tantos rostos femininos viçosos, ainda que já não tão jovens, segundo Federici (2017, p.347), vai de encontro ao conhecimento arraigado no imaginário popular de que “a vitalidade sexual da mulher velha era uma afirmação da vida contra a morte”. É, logo, considerado antinatural que mulheres de meia idade aparentem e demonstrem tantas provas de vigor físico, igualando-as às mulheres jovens da comunidade, em razão do inconsciente coletivo que permeia o pensamento ocidentalizado.

A segunda mostra de que esse compacto e bem estruturado grupo foge das expectativas estabelecidas pelos personagens é de que os três tornam-se prisioneiros, ainda que muito bem tratados – o que contrasta fortemente com a recepção dos europeus com a diversidade étnica e cultural das Américas e da África. Paulatinamente alfabetizados no idioma de Herland, enquanto ensinam o inglês para as suas instrutoras e carcereiras, os homens são tratados como emissários benquistos das terras distantes e são constantemente consultados com perguntas sobre seu país natal, os Estados Unidos.

As mulheres de Herland são descritas como fortes, altas e de cabelos curtos que o olhar ocidental costuma caracterizar, como *de homem*. Essa caracterização é compreendida por Birman (2016) como uma repartição social em que aos homens foi atribuído o registro dos direitos e, às mulheres, o registro dos costumes. Porém, como em Herland as mulheres representam o *status quo*, o corte de cabelo nada mais significa do que uma necessidade prática, para auxiliar nas atividades laborais realizadas por elas.

De acordo com o narrador, Herland é um “país [com] mais ou menos o tamanho da Holanda, algo entre dezesseis e dezenove quilômetros quadrados. Sua população era de cerca de três milhões – não era grande, mas tinha qualidade” (GILMAN, 2018, p. 136). Inicialmente uma sociedade binária, Herland foi alvo de um ataque brutal de um país vizinho, que dizimou todos os homens e até mesmo as crianças de sexo masculino, restando apenas as mulheres, traumatizadas e vulneráveis.

A mudança vital ocorreu entre cinco e dez anos após o terrível ataque. O narrador descreve uma união inquestionável, por parte das mulheres, para reestruturar Herland, até que uma delas deu à luz. Em um primeiro momento, as compatriotas acreditaram haver ali a presença de um homem; entretanto, após infundáveis buscas, compreenderam que aquele nascimento era um presente dos deuses, e em muito louvaram Maaia, a Deusa da Maternidade. A parturiente deu à luz a cinco filhas, nos anos posteriores.

A partir dessa benção inicial, as mulheres em Herland decidiram idolatrar e louvar as cinco Filhas de Maaia, tratando-as como divindades. O narrador ainda afirma que, aos vinte e cinco anos, essas cinco mulheres também começaram a dar à luz, tornando-se mães de outras cinco filhas, chamadas de 25 Novas Mulheres.

Paulatinamente, a geração que ainda se lembrava dos homens morreu, sobrando apenas as 125 mulheres nascidas da partenogênese⁶. Essas mulheres eram muito dedicadas a manter o país em atividade equilibrada, com os registros organizados e as fazendas em pleno

⁶ “Reprodução assexuada de animais em que o embrião se desenvolve de um óvulo sem a necessidade de fecundação.” RIBEIRO, Krukemberghe Divino Kirk da Fonseca. Partenogênese. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/partenogenese.htm>. Acesso em: 26 set. 2020.

funcionamento. O narrador indica que “as primeiras cinco filhas cresceram em uma atmosfera de calma sagrada, de espera de observância admirada, de prece sem fim” (GILMAN, 2018, p. 103), na expectativa do momento delas contribuírem para o aumento da taxa de natalidade do país. A maternidade nunca foi vista como um ato obrigatório, mas, sim, como uma dádiva a qual deveriam sempre agradecer.

Movidas por ideais como beleza, saúde, força, intelecto e bondade, as mulheres passaram a construir e planejar mecanismos de ensino e aprendizado, para que cada menina tivesse ciência de sua Tarefa Real, como é chamada a maternidade em Herland. O narrador destaca que, inicialmente, a religião de Herland assimilava-se àquela encontrada na Grécia Antiga. Porém, além de perderem o interesse em conceitos (e, subsequentemente, nas divindades) de guerra e lucro, as mulheres concentraram-se na Deusa Mãe, que tudo lhes concedia.

As mulheres em Herland dominavam conceitos como os de astronomia, fisiologia, química, botânica e física e com trabalhos científicos que, segundo o narrador, eram “composições nas quais a ciência se mescla à arte ou vira uma indústria” (GILMAN, 2018, p. 114), o que muito perturbou os exploradores. A primeira razão para a perturbação deveu-se ao excelente trabalho e precisão técnica provindos de *mulheres*; a segunda, por não esperarem que um país aparentemente incivilizado (aqui o olhar ocidental ganha destaque) possuísse tamanha tecnologia, incomum até para países industrializados e progressistas.

Outro aspecto considerado perturbador para os exploradores foi o inexistente nível de desigualdade em Herland. Em conversas informais com garotas das montanhas, Vandyck, o narrador, descobre que “algumas tinham conhecimentos profundos – eram especializadas –, mas todas sabiam de tudo” (GILMAN, 2018, p. 115). Mas como existir desigualdade em um país inteiramente voltado para o desenvolvimento pleno de seus indivíduos?

Em uma das *lições* sobre Herland, em que foram submetidos os exploradores, Moadine, uma das tutoras, menciona a *Maternidade Humana*, uma filosofia que prega “a irmandade literal de nossa origem, e a união profunda e nobre de nosso crescimento social” (GILMAN, 2018, p.118), o que tornam as crianças o elemento principal de esperança para o progresso.

Porém, mesmo gratas à divindade pelo dom da maternidade, as mulheres de *Herland* (1915) passaram a se preocupar com o aumento populacional e, futuramente, com a inevitável falta de recursos para todas. Para isso, após um conselho, decidiram prever o período de preparação para a gravidez (que envolve um desejo forte por uma criança) e aprenderam a evitá-la, voluntariamente, por meio do trabalho físico e mental ativo. As mulheres de Herland observaram que a maternidade pode ser coletiva e todas passaram a se ocupar com as filhas umas das outras. A gravidez passou a ser uma escolha.

Outra característica da maternidade coletiva é o simples fato das bebês não possuírem sobrenome, como explica Moadine, pois “o produto final não é privado” (GILMAN, 2018, p.134). Na primeira infância, as bebês levam os nomes das mães apenas como referência.

A ideia de coletividade em *Herland* (1915) não se limita aos bebês. Pelo contrário, em Herland, as mulheres têm ciência de um patriotismo saudável quando dizem que “o país era uma unidade – era delas” (GILMAN, 2018, p.139), por sempre pensarem em termos de comunidade. Suas ideias e decisões se refletem no ato de replantar a vegetação originária do país, substituindo-a por espécies frutíferas, como alimento para a população. Essas mulheres desenvolveram um método sustentável de fertilização do solo, que consistia, basicamente, em retornar para lá tudo o que dele proviesse.

Outro conceito de Herland que confundiu os exploradores foi o festival anual, organizado pelas mulheres, que misturava teatro, dança, música, religião e educação e consistia na marcha, em massa, das mulheres por todo o país. Diferente da exposição de força bélica nos países reconhecidos por seu patriotismo exacerbado, como a Coréia do Norte, a Rússia e os Estados Unidos, as mulheres de Herland expunham o melhor que havia em sua sociedade, a si próprias, como uma prova do orgulho em compor um país tão bem desenvolvido.

As mulheres de Herland dedicaram grande parte de seu tempo a organizar e desenvolver métodos de ensino e criação das crianças, que elas chamam de jogos. As fases de desenvolvimento são divididas em um ano de extrema dedicação materna, por meio do aleitamento; após os primeiros dois anos, a mãe entrega a criança para os cuidados das comães, mulheres

responsáveis por educar as crianças por meio de atividades que se assemelham a brincadeiras, mas são, em essência, lições de geografia, ciências, física e biologia. Essas bebês são mantidas nas partes quentes do país e, à medida que crescem, são aclimatadas às temperaturas mais amenas.

Todas essas decisões sobre plantio e desenvolvimento humano provém do que elas chamam de o grande Espírito Mãe ou a teoria central do Poder Amoroso, o que as instigou ao desenvolvimento de um sistema ético que tem como princípio o Amor. Tais crenças repercutiram na criação de uma sociedade sem guerras, sem líderes políticos ou religiosos ou opressão, afinal, as mulheres de *Herland* (1915) são e se veem como irmãs em união.

Por meio da exposição de uma realidade intensamente harmoniosa e bem construída para favorecer a todas, os exploradores fizeram a inevitável comparação do patriotismo ocidental com o “patriotismo” de *Herland* (1915):

Elas se amaram com um afeto praticamente universal, criando amizades esplêndidas e naturais, espalhando a devoção ao país e ao povo de tal forma que nossa palavra “patriotismo” não consegue abarcar. Patriotismo veemente, é compatível com a existência de uma negligência dos interesses nacionais, uma desonestidade, uma indiferença fria ao sofrimento de milhões. Patriotismo é, em geral, orgulho, e muita combatividade. Patriotismo geralmente arrasta a vingança (GILMAN, 2018, p.167).

Ou seja, enquanto o patriotismo masculino é violento e deseja a desigualdade para que alguém seja sempre beneficiado e poderoso, em *Herland* há o amor espontâneo por todas as cidadãs e a preocupação em ofertar oportunidades iguais, para que se viva plenamente.

Ademais, o conceito de maternidade de Terry, pelo ponto de vista ocidental, envolve a dedicação integral da mãe (uma mãe fraca e sem domínio de suas crias, principalmente), vai de encontro com a prática maternal em *Herland*, que, sim, é totalmente voltada para o desenvolvimento infantil, mas de uma forma pragmática. Em *Herland* todas são mães de todas as crianças e, portanto, são todas responsáveis pelo bom desempenho delas.

É, logo, nessa nação de mulheres que Vandyck descobre que “a pressão da vida sobre o ambiente desenvolve na mente humana suas reações inventivas, independentemente do gênero” (GILMAN, 2018, p.181). Os homens, que em suas interações com as mulheres de *Herland*, descreveram as mulheres ocidentais como ineptas, frágeis, histéricas. Além de que, claramente, os homens não conseguem explicar o porquê de as mulheres não desempenharem funções ativas fora do ambiente doméstico ou de discorrerem apropriadamente sobre os presidios ou por quê existem pessoas pobres nos Estados Unidos, quando afirmam ser este um país desenvolvido.

A fé das mulheres em *Herland* (1915) salvou-as da extinção e motivou-as a planejar o desenvolvimento do país para glorificar o presente divino, que foi o primeiro nascimento. Diferente dos países ocidentais, onde as decisões são tomadas, geralmente, por homens e em benefício dos homens, em *Herland* (1915) todas as decisões são voltadas para realçar o contato de suas cidadãs com o Sagrado Feminino existente em cada uma delas. As mulheres nunca precisaram agredir os estrangeiros, muito pelo contrário, eles foram tratados como figuras ilustres. Elas aproveitaram a sua presença para aprenderem com eles o que estava além das montanhas que cercavam o pequeno país.

Herland (1915) apresenta de maneira didática e eficiente como seria um país sem a agressividade e a ambição imperialista, notórias nos casos de exploração das Américas e da África. Interações essas que, até o presente momento, imprimem máculas no comportamento e na gestão dos países que decidiram apagar a ancestralidade dos povos nativos e que impossibilita às mulheres o empoderamento por meio da compreensão da vitalidade e da força que há no reconhecimento do poder, presente na gravidez, e no posterior nascimento de mais um cidadão.

Considerações Finais

Os homens que invadiram Herland não são muito diferentes daqueles que invadiram as Américas e a África quando iniciadas as Grandes Navegações, iniciadas pelos portugueses no século XV. Mesmo o intuito inicial, que era explorar Herland (1915) como um grande e perfeito harém, se assemelha perigosamente com os desejos dos grandes navegadores, que, além de toda matéria-prima e minérios, também passou a explorar os corpos das mulheres nativas, sem dar muita atenção ao grave atentado aos rituais esponsalícios ou, principalmente, ao consenso por parte delas.

Por mais chocante que possa soar uma realidade sem homens, os estadunidenses que acreditavam possuir vantagens sobre as mulheres de Herland – afinal, os Estados Unidos se encaminhavam como o país do futuro com os ideais de exploração das riquezas naturais de outros países e industrialização interna –, a surpresa de se descobrirem atrasados e, acima de tudo, de viverem uma realidade desigual, em que apenas homens brancos possuíam oportunidades, foi muito mais difícil de ser assimilada.

As mulheres de Herland têm os mesmos desejos que os cidadãos estadunidenses do século passado, mas agem de forma distinta para os garantirem. Elas desejam que as suas filhas tenham as melhores comidas, as melhores roupas, a melhor educação, uma vida pacata e sadia; porém, enquanto elas se esforçam para construir um ambiente saudável e autossustentável, priorizando o meio ambiente, que tudo lhes deu, os homens que regem os Estados Unidos exploram riquezas de países de Terceiro Mundo, sem a mínima consciência sobre as condições do Meio Ambiente após tudo retirarem dessas terras.

A grande questão acerca da garantia dos direitos individuais em *Herland* (1915) demonstra a óbvia diferença entre a sociedade imaginada de Gilman e os Estados Unidos onde ela viveu: enquanto em Herland a grande preocupação é o destino das crianças, afinal, representam o futuro da nação, os estadunidenses viviam em função de aumentar as suas riquezas individuais, sem pensar no coletivo. O Sagrado Feminino que rege Herland induz as mulheres a respeitarem a natureza para que possam respeitar a si próprias. Quando não há o equilíbrio entre Homem e Natureza, não há equilíbrio na Humanidade.

A sociedade de *Herland* (1915) é voltada para o progresso humano por meio de possibilidades iguais para todos; isso porque são motivadas pelo Sagrado Feminino simbolizado pela Deusa Maaia, pelo Grande Espírito da Mãe e pelo Amor Poderoso. As mulheres de *Herland* (1915) decidiram que não iriam mais arriscar-se à extinção sabotando-se por meio de guerras ou um poder hierarquizado, pois foi o que as colocou em uma posição de vulnerabilidade em primeiro lugar.

O Sagrado Feminino existe para que as mulheres reais, que não têm a possibilidade de se refugiar em *Herland* (1915), redescubram em si próprias as múltiplas formas de se empoderar e lutar contra o *status quo* que as invalida e continuamente recrimina os seus corpos e as suas mentes, como também para que a humanidade consiga entender que é apenas a partir do equilibrada harmonia entre Homem e Natureza que haverá equilíbrio e, logo, igualdade.

Referências

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CALEGARI, D. FONTANELLA, T. C. A busca do sagrado feminino através da dança e dos movimentos corporais. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CDROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: 18 set 2020.

CORDOVIL, D. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, maio-agosto, 2015.

COSTA, D B; LOURO, Y. Negritude em tempos de segregação: Análise Semiótica de Melanctha

- (1983), de Gertrude Stein. **Revista de Letras Juçara**, v. 3, p. 173-187, 2019.
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FEDERICI, S. **Calibã e Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- GILMAN, C. P. **Terra das Mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- GINZBURG, J. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas**. Quaderni di letteratura iberiche e iberoamericana. vol. 2. 2012. p. 199-221.
- JOUE, V. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LEGROS, P. et al. **Sociologia do Imaginário**, Porto Alegre: Sulina, 2007.
- KOSS, M. V. **Feminino + masculino: Uma nova coreografia para a Eterna Dança das Polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.
- SARTRE, J. P. **Que é Literatura?** 3. ed. São Paulo: Gráfica Palas Atena, 2004.
- SERBENA, C. A. Considerações Sobre o Inconsciente: Mito, Símbolo e Arquétipo na Psicologia Analítica. 77. **Revista da Abordagem Gestáltica**. vol. 16. n. 1. p. 76-82, jan-jul, 2010.
- SIPRIANO, B. F; Gonçalves, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. **Revista Diálogos: Relendo Bakhtin**, v. 5, n. 1, 2017
- TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Recebido em 01 de fevereiro de 2021.
Aceito em 22 de setembro de 2021.